

EDITORIAL

CRÔNICAS MÊDICAS

A informação incompleta leva a conclusões erradas. Isto é uma verdade indiscutível, certa para os problemas comezinhos como para os mais transcendentais.

Quanto mais especializadas forem as questões em causa, tanto mais difícil será tirar ilacções correctas com premissas insuficientes. A coisa agrava-se, ainda, quando se trata de assuntos onde os conhecimentos básicos não são do domínio dos que empregam a simples lógica e onde a linguagem usada tem um valor próprio, que iniciados entendem e os leigos deturpam.

Eis porque, também na medicina, e talvez especialmente aqui, a vulgarização é um complicado problema que, tantas vêzes, leva a resultados imprevistos ou perniciosos. Não resta dúvida que todos nós vemos, repetidas vêzes, incongruências que ocorrem dos esforços para vulgarizar noções de medicina, e todos somos levados a sorrir com grande parte das notícias sôbre assuntos técnicos, lidos na imprensa não especializada, ou, até nos revoltamos com as possíveis conseqüências de certas informações junto da enorme multidão dos neuróticos.

Não podemos esquecer um amigo nosso que comprou uma publicação sinóptica, com o pomposo título de "A Medicina ao seu alcance", elaborado em sucessivas chavetas de sintomas que progressivamente, iam aproximando o leitor do respectivo diagnóstico. Ora, a verdade é que este nosso amigo, começando pelos enjôos que sentia, foi de sintoma em sintoma, até chegar à conclusão que estava grávido.

Serão quase sempre de anedotário e perigoso para os que pouco ou nada sabem de medicina, as conclusões tiradas do que os clínicos dão como diagnóstico, prognóstico ou terapêutica.

Por tudo, isto, acreditamos que a vulgarização dos conhecimentos científicos não deve estar a cargo do jornalismo não técnico, o qual muito mais se dirige ao sensacional do que à informação responsável, formativa da opinião pública e de

molde a dar ao povo maior cultura e mais conhecimentos. Infelizmente, é fácil constatar como a grande imprensa toma com ligeireza as exigências que decorrem de ser um órgão imprescindível no equilíbrio e progresso da sociedade, não se importando de informar mal ou de valorizar pouco o que é realmente informativo. Nós não a negamos, mas ambicionamo-la válida também no campo científico, capaz de servir interesses superiores, acima duma incompetência que o diário não justifica e a responsabilidade própria não admite.

De resto, seja como for, é muito discutível a utilidade dos julgamentos dos leigos sobre assuntos médicos. Além de tudo o mais, isto pode levar ao incrível.

Num curioso livro editado em França há já alguns anos, "Les perles du facteur", referem-se algumas histórias autênticas sobre médicos e a medicina. Entre elas vem numa carta que não resistimos de recordar e que transcrevemos na língua original para não lhe tirar o seu delicioso sabor.

"Cher docteur, je suis un peu gêné de vous de dire, mais je crois que vous avez certainement fait une erreur de diagnostic concernant ma fille. Une grossesse extra-uterine, impossible! J'ai cuisiné mon gendre. C'est un homme normal, au-dessus de tout soupçon. Je vous renverrai donc ma fille demain, pour que vous reconsidériez la question".

HUGO GOMES

Redator

II CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE ANESTESIOLOGIA

1-4 de Setembro de 1968

Faça de LISBOA uma etapa na sua viagem para LONDRES

IV CONGRESSO MUNDIAL DE ANESTESIOLOGIA

9-13 de Setembro de 1968

Organização da SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANESTESIOLOGIA (Secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa) com a colaboração da SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANESTESIOLOGIA